CAMINHOS DA (CO)REFLEXÃO, DA (CO)ATUAÇÃO E DA ESCRITA EM COAUTORIA: RESSONÂNCIAS ANCESTRAIS PARA UMA APRENDIZAGEM SIMBÓLICA-SENSÍVEL[1]

ONORIO ISAÍAS DE MOURA[2]
UNISC, BRASIL
https://orcid.org/0000-0002-3106-4141

MARIA CRISTINA GRAEFF WERNZ[3]
UNIPAMPA, BRASIL
https://orcid.org/0000-0003-4873-3695

RESUMO: *A presença de indígenas acadêmicos nas universidades tem provocado ações e reflexões. Colocamos em pauta a potência do bom encontro - indígenas e não indígenas -, tendo, em perspectiva, uma academia que acolha a diversidade. Partindo da narrativa de origem do povo Kaingang, constituiu-se a metodologia Vãfy, inspirada na trama da sua arte e no seu trançado cultural, que contempla a oposição e a complementaridade. Em movimentos de coautoria e coatuação, vão sendo construídas reflexões e aprendizagens que germinam em espaços educativos, especialmente através de ações extensionistas. Entretanto, percebemos que ainda há um longo caminho para chegar na coexistência harmoniosa, tão urgente para os tempos que vivemos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Indígenas acadêmicos; coautoria, coatuação; metodologia Vãfy*

ABSTRACT: *The presence of indigenous academics in universities has prompted action and reflection. We emphasize the importance of positive encounters – indigenous and non-indigenous –, aiming for an academy that embraces diversity. Drawing from the Kaingang people's origin narrative, we developed the Vãfy methodology, inspired by their artistic and cultural weaving, which contemplates opposition and complementarity. Through co-authorship and co-action, we build reflections and learning experiences that flourish in educational settings, especially through extension activities. Nonetheless, we realize that there is still a long way to go to achieve harmonious coexistence, such an urgent issue in the times we live in.*

KEYWORDS: *Indigenous academics; co-authorship; co-action; Vãfy methodology.*

---

[1] O presente artigo trata-se de uma ampliação e de um aprofundamento de texto anteriormente publicado pelos autores no Boletín del Grupo de Trabajo Educación e interculturalidad - Clacso(2022).

[2] Doutorando em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Graduado em Relações Públicas pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Participa do Grupo de Pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade.

[3] Pós-doutora em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Doutora em Educação pela UNISC. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, especialista em Informática na Educação pela UFRGS. Especialista em Literatura pela UNISC. Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegrete. Secretária executiva no Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Introdução

A convivência intercultural tem sido pautada por estudantes indígenas e quilombolas nas universidades. O ingresso de estudantes, principalmente com a política de cotas, tem provocado um intenso debate a respeito e tem ampliado a visibilidade da diversidade étnica do povo brasileiro. Neste contexto, a presença/ausência do trançado entre culturas na universidade e na sociedade provoca a pensar sobre a conformidade entre o que está instituído como política pública, e o que, de fato, se aplica em termos de uma educação e de uma sociedade que acolham a diversidade.

Da (uni)versidade à (pluri)versidade, um longo caminho a ser percorrido, que prenuncia a colaboração intercultural como ação a alicerçar um espaço acadêmico voltado, também, para uma aprendizagem simbólica-sensível. A presença de representação da diversidade do povo brasileiro no chão da academia provoca inúmeras reflexões. Tocados, inicialmente, por esta questão, pesquisador indígena e pesquisadora não indígena, passamos a refletir sobre o que poderia ser feito para concretizar um espaço educativo que se contraponha ao elitismo, à discriminação de classe, de raça e de gênero.

Da vivência universitária de um - indígena acadêmico - às aprendizagens e questionamentos da outra - servidora pública -, fomos buscando caminhos para entender o complexo movimento das políticas públicas que levam ao ingresso de indígenas nas universidades e ao desafio da permanência. Várias iniciativas foram pensadas e implementadas, desde cursos de capacitação para servidores públicos a ações extensionistas de formação de professores e para público em geral.

Como local de chegada, vislumbramos uma universidade polifônica, que é "composta por vozes que se exprimem de formas convencionais e de formas não convencionais, tanto nos processos orientados para obtenção de um diploma, como aqueles que não o são" (SANTOS, 2019, p. 386).

Unindo as pontas do que aparentemente não se junta - indígena e não indígena - foi sendo construído o caminho que leva da (uni)versidade à (pluri)versidade, ainda como horizonte-utopia, tendo como pedra de alicerce a aprendizagem simbólica-sensível (MENEZES; MOURA; WERNZ, 2020). Santos (2019) nos convida a refletir sobre o conceito de pluriversidade, apontando para uma estrutura acadêmica que seja plural, que não traga um só pensamento, mas que seja aberta a saberes até então silenciados. Um modelo único de universidade sinaliza um modelo único de pensamento, um modelo único de compreender o mundo, de estar no mundo e fazer ciência. Refletimos, como pesquisadores diversos em suas origens e compreensões de mundo, sobre a maneira de contribuir para que caibam, no espaço acadêmico, diversos pensamentos em diálogo.

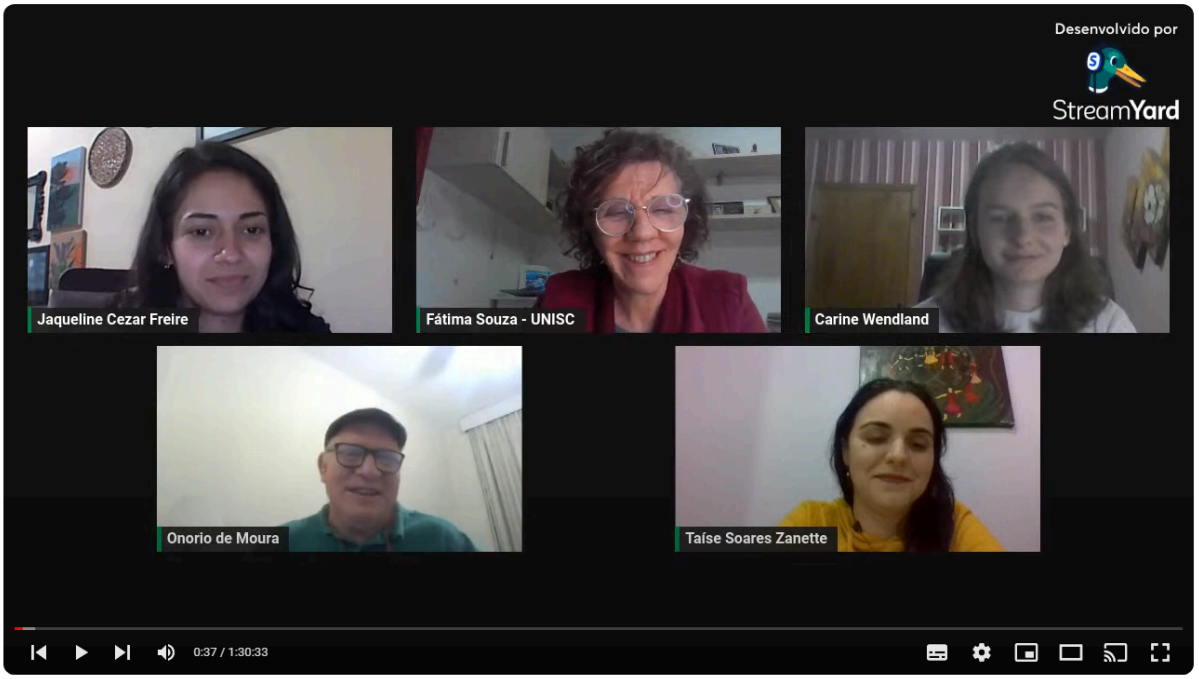
Para tanto, tem-se mostrado fundamental o apoio do grupo de pesquisa "Peabiru: educação ameríndia e interculturalidade" (UFRGS/UNISC)[4] no planejamento e na execução de ações de extensão, de pesquisa-ação, de formação de servidores, de participação em eventos promovidos para

[4] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

acadêmicos, entre outros. A palavra Peabiru, de origem Tupi-Guarani que significa “o caminho do sol”, foi tomada para nomear o grupo, significando os caminhos que conectam pesquisadores e pesquisadoras da América do Sul, os quais, em um constante caminhar, estabelecem ligações a partir de afinidades temáticas. Ressaltamos, assim, que não caminhamos sozinhos. A força do grupo, coordenado pelas professoras Maria Aparecida Bergamaschi e Ana Luisa Teixeira de Menezes, sustenta nossas ações e inspira a teorização sobre a atuação colaborativa de indígenas e não indígenas, provocando e estimulando a escrita em torno dos temas educação ameríndia e interculturalidade.

Pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa participam das atividades de extensão propostas no âmbito da nossa atuação colaborativa, em especial no curso de extensão “Aprendizagens interculturais: produção de sentidos na educação”, em funcionamento desde 2017, uma ação proposta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), com participação efetiva do grupo de pesquisa, sendo base, atualmente, de acordo de cooperação entre a UNISC e a UNIPAMPA. Percebemos, nos diálogos com a comunidade, estabelecidos a partir das ações extensionistas, o relato da surpresa e do encantamento em conhecer as culturas indígenas. Apresentar uma nova maneira de estar no mundo, amparados pela sustentação do Grupo de Pesquisa, vai movimentando estruturas refratárias a novas culturas.

Figura 1: Curso de extensão Aprendizagens interculturais: produção de sentidos na educação - VI Edição (2023), com a participação de componentes do Grupo de Pesquisa PEABIRU: educação Ameríndia e interculturalidade



Fonte: Acervo do autor

Alguns avanços, outros retrocessos, parte do reflexo do movimento da academia em relação às suas limitações e suas tentativas de aproximação a

alguns aspectos das relações interculturais. Na cadência dos passos acadêmicos, a reciprocidade pulsante na colaboração intercultural, vamos caminhando. Percebemos a importância de agir - refletir - agir, compondo um coletivo de indígenas e não indígenas, atravessados por interaprendizagens, termo usado pela professora Rossana Podestá, que o define como um princípio fundamental que evoca o processo fundador de todo projeto educativo intercultural, que traz uma relação de reciprocidade de aprendizagens entre indígenas e não indígenas (PODESTÁ, 2009).

Durante o processo, desenha-se um convite à mudança de pensamento, ao "estar-sendo-humano-junto-no-mundo-com" (DORNELES; ARENHALDT, 2016), provocando a refletir que é possível uma outra forma de expressão acadêmica, com elementos da cocriação, da coautoria, com vozes que gravitam, desde a ancestralidade, sob o chão habitado. Tal convite é feito à pesquisadora não indígena e às pessoas que participam das ações promovidas pelo coletivo, apontando a importância de estar junto e de realizar a escuta sensível. A narrativa ancestral de origem do povo Kaingang inspira e vem para nos situar e nortear da complexidade de trançar mundos de forma intercultural nos espaços acadêmicos. Línguas, culturas, pensamentos de indígenas e de não indígenas são trançados, ampliando o horizonte acadêmico para além da reprodução de um "pátio de objetos" (KUSCH, 2009a), local que pauta o esforço de "ser alguém", para um local onde "estar-junto-com", estar em comunidade, observando os sinais da natureza, de elementos visíveis e invisíveis, também pode ser representado e validado academicamente.

O mundo explode em diversidade. Ao mesmo tempo, exige que seres vivos, humanos e não humanos, convivam no colo da Pachamama. Entendemos que o trançado da arte Kaingang pode mostrar um caminho para a coexistência, ao sugerir que a complementaridade, a reciprocidade podem ser elementos fundantes do acolhimento às diferenças, no escopo da atuação e da reflexão.

A complementaridade e a reciprocidade são elementos fundamentais da narrativa ancestral de origem Kaingang, que contempla o conhecimento sobre a sistematização da organização social na relação do homem e também a ordem das coisas na natureza como um todo e o cosmos. É a forma como o povo Kaingang se identifica e se apresenta para o mundo em que vivemos, as nossas funções e o que fazemos no mundo como humanos na relação social, na relação com os animais, com as plantas, com a mãe terra, as águas, as montanhas etc.

Desde os antigos Kaingang, é contado que os primeiros do povo saíram do solo; por isso têm cor de terra. Eram constituídos por dois grupos, chefiados por dois irmãos, Kanhru e Kamé. Cada um já trouxe consigo um grupo de pessoas. Kanhru e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. Foram os irmãos gêmeos que criaram todas as plantas, os animais e o povo Kaingang. Tudo o que existe, desde então, tem uma metade criadora Kamé, e também outra metade criadora, Kanhru. Cada

metade, além de ter poderes diferentes. A narrativa traz também as regras de conduta para os homens, na perspectiva da complementaridade. O sol pertence à metade Kamé, dos Kaingang que trabalharam para fazer e criar os animais do dia. A lua pertence à metade Kanhru, dos Kaingang que trabalharam para criar as criaturas da noite. (MOURA, 2021)

Dorvalino Cardoso, intelectual Kaingang, nos apresenta uma das versões da narrativa de criação do povo Kaingang:

> Houve um tempo em que os rios estavam secando, os animais morrendo, o mato e as pessoas adoecendo. As árvores não davam mais frutas e não existia lugar em toda a terra onde se pudesse ficar. Os dois irmãos sóis, Rã e Kysã, imensos astros que irradiavam calor, presenciavam tudo. Na verdade, eles eram os responsáveis pelo que estava acontecendo. Até que um dia, tiveram uma discussão.
> - Essas desgraças, isso tudo é sua culpa! – disse Rã.
> - Não, é tudo sua culpa, foi você quem... – dizia Kysã, quando levou uma pancada no seu olho. Ferido, Kysã enfraqueceu e tornou-se lua, originando-se, desse modo, a noite iluminada pela lua.
> Rã, o mais forte dos irmãos, a partir daquele dia, tornou-se o único a iluminar o dia, dando-nos luminosidade e calor suficientes para a vida. À noite, desde então, temos a lua (Kysã), que nos dá a escuridão necessária para o repouso, e, durante o dia, o sol (Rã), que ilumina nossos dias e florestas. Até hoje, assim que o sol se põe, a lua nasce. Desse modo, os dois nunca se encontram para não brigarem novamente (CARDOSO, 2017, p. 24).

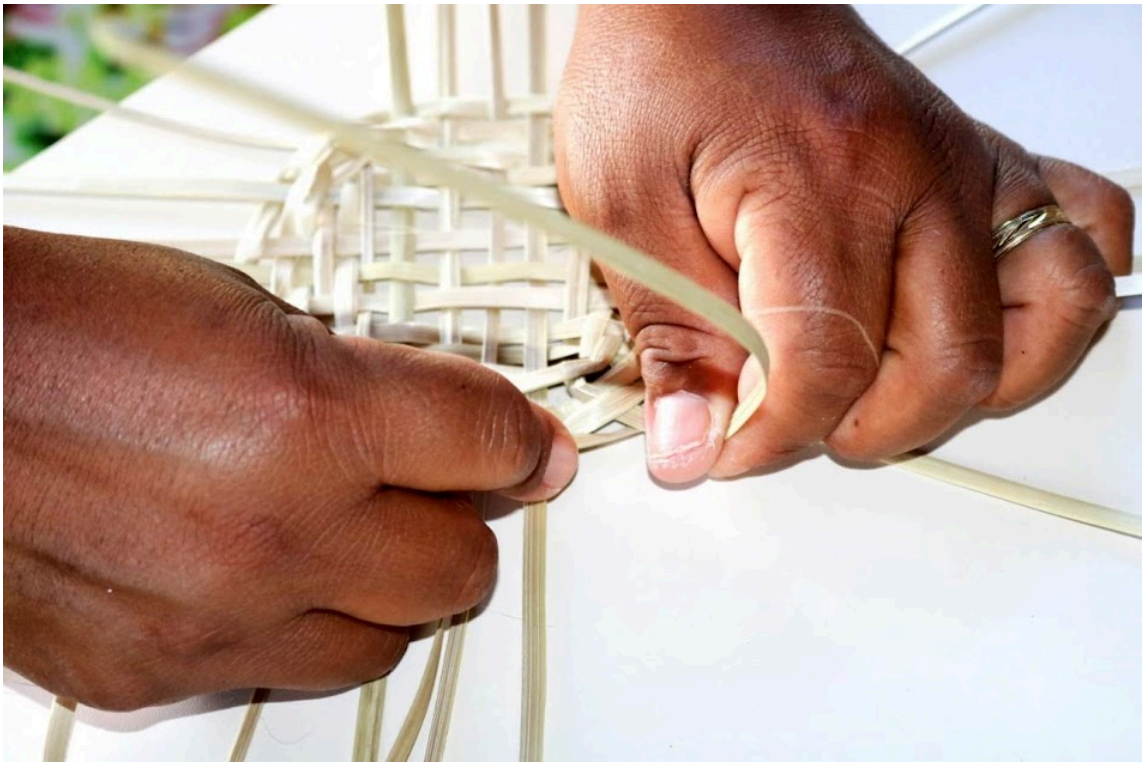
A narrativa ancestral Kaingang, que carrega a complementaridade e a reciprocidade em sua essência, tem a função de não nos deixar esquecer quem somos, de onde viemos, para onde vamos e qual a nossa função neste mundo. A narrativa ancestral tem a função de nos deixar conscientes na relação com o mundo e com os cosmos. Neste sentido, teorizações sobre o *Jykre, Jamré* fazem parte da filosofia, do modo de pensar que abrange a educação Kaingang, e que pode estabelecer uma relação de interculturalidade com os não indígenas. O *Jãmré,* por exemplo, uma das palavras que representa a oposição e complementaridade na educação Kaingang, vai dando suporte metodológico na compreensão do *Jykre,* que é o pensamento das narrativas ancestrais Kaingang. Essas narrativas são representadas pelo Kamé e Kanhru, que é o que organiza o povo Kaingang, estabelece os modos de convivência, a organização social, a cosmologia, a visão de mundo e as relações de parentesco.

Por outro lado, temos a palavra e o termo *Jãmré,* que tem essa compreensão de oposição, na relação humana. Podemos dizer que o *Jãmré* é um princípio de vida, pois ele é o que integra todas as coisas que existem nesse mundo até os cosmos. O Jãmré tem a função de um amor incondicional pelo seu oposto.

No espaço da universidade, a narrativa ancestral tem a função de trançar os mundos do indígena e não indigena de forma intercultural, mostrando o caminho da oposição e complementaridade, apontando para um estado de reciprocidade entre mundos. Trata-se, assim, das epistemologias Kaingang transcendendo o espaço da comunidade indígena e alcançando a universidade.

Trançando pensamentos e ações: o *vãfy* ressignificando a coautoria

Figura 2: Trançado da arte Kaingang, trançado vãfy. Atividade "Virada Cultural", desenvolvida na UNIPAMPA, em novembro de 2018



Fonte: Acervo do autor

No trançado do *Vãfy*, do meu povo Kaingang, há sempre um início, um começo, o que representa simbolicamente o processo de coautoria e coatuação, o que pode ser associado, ainda, ao movimento de acesso e de ingresso de indígenas nas universidades e, acima de tudo, à ocupação de espaços de pesquisas. Vale ressaltar que o *Vãfy* é como uma espécie de caminho e, nesse caminho, muitas vezes, tu não sabes o que vai encontrar pela frente; muitas vezes são coisas que não gostamos, um caminhar mais difícil, mas precisamos seguir em frente. Também encontramos coisas boas, e é quando o caminho se torna mais leve, o *Vãfy* vai ficando mais leve no momento em que tu te entrega totalmente. Os desafios enfrentados e superados durante a trajetória acadêmica no ensino superior e, hoje, como pesquisador, faz com que eu entenda esse processo como uma forma de preparação espiritual, a partir dos tropeços e das frustrações no mundo da universidade, considerando a diferença em relação ao mundo da aldeia

indígena. Proporciona-se, assim, uma nova construção no sentido de trançar os pensamentos, de estar junto, em ação e em coatuação, transcendendo as fronteiras de mundos distintos.

Desta forma, conduzimos o *Vãfy* nessa escrita, que vai sendo construída e desenvolvida a partir de um exercício de escuta de vozes de diferentes mundos e pensamentos. Trazendo para a nossa escrita de coautoria, representando a coatuação, apresento o fio condutor do *Vãfy*, que seria o processo intercultural que estamos vivendo entre mundos, onde a base seria o *ti kuká*, uma das bases de sustentação das ações que vão nos fortalecendo e dando apoio às nossas ações e atuações, a partir de processos interculturais da relação entre a universidade e a aldeia; entre indígenas e não indígenas.

Figura 3: Trançado da cestaria Kaingang, o trançado vãfy, feito por um indígena e uma não indígena. Atividade "Virada Cultural", desenvolvida na UNIPAMPA, em novembro de 2018



Fonte: Acervo do autor

Na medida em que o *Vãfy* vai ganhando forma na sua composição das cores e no manuseio dos materiais, vão ficando visíveis as características tanto do Kamé, quanto do Kanhru, ambos opostos, mas complementares, segundo o caminho da narrativa ancestral. Destaco, ainda, que nos movimentos da leveza na construção da coautoria, vamos desenvolvendo as nossas atividades de reflexões e coteorizações durante a nossa pesquisa, sempre levando e sendo guiado para os caminhos da interculturalidade como o fio condutor do *ti fy jã*, aqui representado simbolicamente pelo *Vãfy*.

Fortalecendo a trama intercultural, a presença dos indígenas nas universidades, o modo de fazer pesquisa e o de fazer ciência, as produções científicas vão ganhando espaço e vão ao encontro de algumas das inquietações e reflexões que já venho desenvolvendo e aprofundando em ambiente acadêmico, na universidade, como indígena. As inquietações as quais me refiro tratam de como nós, indígenas, estamos fazendo as nossas pesquisas e as produções científicas, da nossa atuação, como pesquisadores, dentro de uma instituição acadêmica e científica e de como estamos contribuindo, no sentido da palavra, ao fazer pesquisa e sobre as formas de fazê-la.

Propomos desenvolver reflexões e debater tensões, complexidades e possibilidades que existem nas formas de fazer pesquisa, bem como evidenciar possíveis aportes que estes contextos investigativos oferecem por meio de novas formas de pesquisar a partir de pensamentos ameríndios. Como, por exemplo, a autoetnografia, que parte de sujeitos e indivíduos praticando e investigando a sua própria cultura, com suas próprias óticas de ver o mundo.

Pesquisar a partir de suas cosmologias e outros modos de construir conhecimentos, muitas vezes questionando os ritos de fazer pesquisa e os seus protocolos, criando tensões e debates, ao mesmo tempo ampliando horizontes e outros modos de fazer pesquisa é uma forma de contribuir para construir uma universidade polifônica. A pesquisa em coautoria, coatuação e a pesquisa em colaboração, que é a temática deste trabalho, entre indígenas e não indígenas, pode, assim, gerar ações e resultados prósperos, inéditos, com efetividade no sentido de produzir conhecimentos.

Dessa forma, essa presença de indígenas na universidade, no âmbito da pesquisa, vem ganhando espaço como um processo inovador no meio acadêmico, pois são ações e atividades alternativas que emergem a partir de filosofias e pensamentos ameríndios que vão ocupando espaço por meio da pesquisa. Buscam, desta maneira, outras formas de fazer e construir conhecimento, o que vem ganhando visibilidade nas produções científicas nas universidades.

A coautoria é uma forma de tentarmos mostrar, por meio da escrita, o espaço entre mundos que ainda não é muito conhecido pela academia, proporcionando uma tentativa de escuta e um olhar sensível nos leitores, reverberando num processo de aprendizagem sensível. O espaço entre mundos diferentes é fundamental para pensar e repensar os processos e as relações que estamos vivendo em diferentes ambientes e é o mínimo de coerência para com os nossos objetivos pessoais/coletivos, tanto como indivíduo, mas principalmente como coletivo, numa dimensão de totalidade. (MOURA, 2021)

Essa coautoria vem ao encontro de pensamentos indígenas como uma forma de ressignificar ações e atividades coletivas a partir da vivências, que se refletem na pesquisa como coatuação e escrita colaborativa, confrontando com o pensamento hegemônico individualista e a competitividade que existe na academia, alimentada pelo egoísmo a partir do pensamento e o modo de pesquisa ocidental.

Vale destacar que o próprio termo coautoria, além de ir de encontro aos protocolos acadêmicos e hegemônicos, é uma forma de provocar a própria universidade, pesquisadores e pesquisadoras, numa tentativa de valorizar os conhecimentos, saberes, filosofias e a própria ciência dos povos originários de forma efetiva. Me arrisco a dizer que, com essas ações, há uma abertura de espaço e caminho para o reconhecimento dos saberes, conhecimentos e filosofias coletivas dos povos originários.

Na escrita e na produção de nossas dissertações e teses, muitas vezes nós, povos indígenas, tentamos de forma insistente valorizar o conhecimento coletivo dos nossos povos. Quando falamos isso, estamos falando de referenciar os nossos *Kófas,* os nossos velhos, que estão sempre repassando os seus conhecimentos. Não são conhecimentos nossos, são conhecimentos de todo um povo, e, nessas escritas, quando formos finalizar uma dissertação ou tese, por exemplo, enfrentamos muitas dificuldades de referenciar o coletivo. Muitas vezes, somos obrigados a assinar a autoria como um indivíduo. Como é que podemos assinar a autoria de uma dissertação ou de uma tese, sabendo que o conhecimento repassado não é individual, mas sim de uma pessoa indígena que aprendeu com o povo? Mesmo assim, assinamos como de um indivíduo que assumiu a autoria. Essa autoria muitas vezes é de interesse da própria academia ou universidade, que algumas vezes tem a intenção de registrar e patentear esses conhecimentos, que são de um coletivo, em função do dinheiro. Penso que seja mais fácil aliciar um indivíduo indígena do que um coletivo. Essas questões que a gente vem discutindo e refletindo ao longo da nossa pesquisa, e nós sabemos que as universidades são muito boas em pegar o conhecimento e sabedoria e transformar em mercadoria.

Esta escrita vem ao encontro dos saberes e conhecimentos dos povos indígenas. Quando falamos do *Vãfy,* por exemplo, estamos falando de um trançado a partir do encontro de dois mundos, de uma forma intercultural, sem a ideia de dominação, mas sim de construção de um caminho que possamos percorrer juntos. Mesmo com visões de mundo distintas, com as tensões, os conflitos internos, as contradições que enfrentamos na construção de uma reflexão que aproxime mundos - movimento que se inspira no trançado do artesanato -, trazemos essa experiência para dentro de uma escrita em coautoria, indígena e não indígena. É o que a academia chama de caminho metodológico.

Ações em conjunto e produções coletivas não são novidades para os povos indígenas; esse movimento consiste nas vivências e nas experiências vividas. A partir desta escrita, acredito que estamos desenvolvendo um movimento de ressignificação de técnicas milenares para o ambiente acadêmico, nos processos de pesquisa e de produção científica, promovendo "ciências", trazendo elementos inovadores e formas de fazer pesquisa de um modo coletivo, a partir de pensamentos indígenas.

Esse pensamento vem ultrapassando gerações após gerações, rompendo algumas barreiras e limites de fronteiras de mundos, transcendendo o mundo dos povos indígenas para o mundo dos não indígenas. Neste sentido, para que possamos estar interligados, é preciso trançar os nossos pensamentos de mundos diferentes, como, por exemplo, o

Vãfy, (aqui representados simbolicamente por um artefato kaingang e a forma de confeccionar) que são trançados na construção de um objeto para um bem coletivo. Dessa forma, quando falo de mundos diferentes, também estou falando da reverberação das forças mitológicas Kaingang, na dimensão de uma relação com os princípios do *Jamré* que é a oposição e complementaridade, representados por Kamé e Kanhru, numa relação de reciprocidade na escrita, ação, coautoria e coatuação. Quando falamos em trançar os pensamentos, são as nossas vivências, no sentido de partilhar e compartilhar e desenvolver um objetivo em comum, numa relação de ação e de coatuação intercultural entre indígenas e não indígenas, de mundos diferentes, numa tentativa de uma aproximação da reciprocidade entre pensamentos.

Muitas vezes, nos colocamos numa tensão com relação às limitações impostas pelas instituições, no planejamento e no desenvolvimento de alguma atividade. Tensões também no sentido de inquietação com relação às nossas visões de mundos e às nossas ideologias, muitas vezes colocando-as em confronto, permeando na escuridão e na claridade da luz, refletindo na tomada de decisões da sutileza e leveza de desenvolver os pensamentos, algumas vezes confrontados com as compreensões de mundos diferentes.

Partindo desse entendimento, destacamos também que a relação de oposição, de complementaridade e de reciprocidade que existe nessa escrita é um processo fundamental no estabelecimento das relações de aprendizagens entre indígenas e não indígenas, na construção e no planejamento das coautorias e das reflexões teóricas.

Nuances de uma teia trançada entre-mundos

Na (com)vivência com o parceiro de pesquisa, e dele tendo escutado a narrativa de origem do povo kaingang, fui aprendendo sobre a coexistência dos opostos, em uma perspectiva de complementaridade, compreendendo, assim, que poderia trocar a "pesquisa sobre" pela "pesquisa com". O intelectual kaingang Dorvalino Cardoso (2017), amparado na forma de estar no mundo de seu povo, nos lembra que tudo tem um lado par e um lado ímpar. Ou seja, que a complementaridade e a reciprocidade são caminhos que ensinam a "estar-junto-com", local de encontro entre o que aparentemente se opõe.

O confrontar-se com o oposto coloca em pauta as limitações e consequências da crença da existência de um saber pretendidamente universal e outro de validez apenas local, restrito a uma cultura. O oposto carrega, em si, uma circularidade. Trata-se da alma humana em sua essencialidade. Nessa perspectiva, inspira a crescente importância de intercâmbios entre atores sociais com diferentes maneiras de ver o mundo, de produzir conhecimento. A colaboração intercultural, tendo como referência o outro, torna-se, portanto, não só viável, mas desejável no contexto social e acadêmico (MATO, 2008).

Ressaltada a importância do "estar-junto" nos movimentos de pesquisas interculturais e de interaprendizagens, é também para além da convivência

acadêmica que se faz ciência, pois os silêncios, cadenciados pelas danças próprias, marcam o tempo/espaço de cada um. É no ir-e-vir, baseado na relação de reciprocidade, que há o anunciado por Castiñera (2017) como um acontecimento de inter-relação fecunda, que não pode ser reduzido a uma questão de mero reconhecimento entre indivíduos, em particular ou comunidades, mas um trançado reciprocitário na qual impliquem todos os âmbitos da realidade.

Nesta perspectiva, quais os limites estabelecidos academicamente para a reflexão e a escrita sobre o outro? Para a reflexão, a escuta e a escrita do outro? E com o outro?

O tempo de pesquisa permitiu a escrita colaborativa. Sobre tal processo, meu companheiro de pesquisa, Onorio Moura, e eu fizemos registros, descrevemos movimentos e percepções. Teorizamos e sustentamo-nos em outras bases teóricas para a escrita de artigos e capítulos de livros publicados. Entretanto, aqui nasce uma das tensões que nos acompanham: até onde vai a autoria de um e onde se inicia a autoria do outro? Como deveríamos nomear o processo? Escrita colaborativa, escrita em coautoria, entrebiografias? Ou (co)pensamento, (co)reflexão e (co)atuação? Qual o peso – e a importância estratégica – da escrita conjunta neste processo? Como deveríamos validar os movimentos? O que tem sido feito, academicamente, para responder a possíveis conflitos semelhantes? Como podemos avançar para aproximar um pouco mais, de forma concreta, o que se diz, teoricamente, ao que se executa na prática acadêmica e a partir dela?

A narrativa de origem do povo Kaingang educa, igualmente, os não indígenas. Educa e inspira. Educa e provoca a ação. Educa e convida a saber mais sobre os povos indígenas. É um ir-e-vir de pensamentos entre o que é posto como certeza de concepção de forma de estar no mundo e o que se anuncia no diferente.

Ainda não há certezas. Continuamos juntos, pois não sei mais andar sozinha. Caminho, também, conduzida por outros intelectuais indígenas que têm dado suas palavras para que possamos refletir em outras bases de pensamento. Tenho percebido que, em relação ao “outro”, somos “o outro”. E como somos vistos, em movimento reverso? Interessante cinesia que desloca, provoca conflitos íntimos, pura impermanência. (WERNZ, 2021).

Movimentos seminais: a potência ameríndia em ações educativas interculturais

> Considerando a peculiaridade dos povos indígenas, as tradições histórico-culturais específicas, é possível buscar outros caminhos, a fim de superar algumas lacunas na produção de conhecimentos e aumentar o leque de alternativas a partir dos próprios povos (...) é necessário evidenciar o lugar de construção de conhecimentos indígenas e de seus processos próprios, que consideram a cultura, os costumes, os conhecimentos, os saberes, a tradição e a visão de mundo própria (FERREIRA, 2020, p. 105-106).

O espaço aberto pela coteorização contribuiu para a decolonização da escrita e do pensamento, constituindo, dessa forma, novas ferramentas conceituais para dar conta do que se pretendeu relatar, como movimento de mão dupla, o que poderia ser descrito também como uma etnografia recíproca, com aproximações e distanciamentos, naturais às leituras de ambos em cada momento vivido. Dos novos veículos conceituais, foi produzida uma nova forma de escrita acadêmica. Sem ter a pretensão da novidade pela novidade, o que resultou do processo foi uma forma de tentar interpretar e transpor o vínculo criado para uma escrita ajustada, na medida do possível, para consumo acadêmico, sem deixar de representar o movimento metodológico e epistemológico nascido a partir da escrita colaborativa e da coteorização.

De forma paralela e complementar à escrita colaborativa, projetos de extensão ocorreram em espiral dialógica contínua durante o tempo de "estar-junto-com". Sendo assim, não é possível delimitar as reflexões, a escrita, as ações. Todas elas ocorreram e ocorrem juntas e vão deslocando continuamente a investigação, possibilitando compreender que, no processo, mais importante do que falar sobre é falar com; ou também aprender a ouvir. Tais movimentos permitiram viver a mescla da teorização indígena e não indígena, como uma multifacetada pedra preciosa − ametista bruta −, plena de pontos brilhantes, profundos recortes, pontas agudas, nuances de claro-escuro, contornos firmes, cores de um intenso universo cósmico.

A proposta do curso de extensão "Aprendizagens interculturais: produção de sentidos na educação", atualmente na sétima edição[5], estava vinculada inicialmente à disciplina Pesquisa e Educação Básica, do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU/UNISC. Desde a primeira edição, reverberou de tal forma nas/os cursistas que nos comprometemos a reeditá-la. O tempo da primeira vivência não foi suficiente para preencher o "vazio intercultural", compreendendo-o, aqui, como local de ausência de produção de sentidos simbólicos. O curso de extensão recoloca os intelectuais indígenas como protagonistas no planejamento e na execução da atividade, permitindo que a racionalidade abra espaço à manifestação da palavra sagrada e à corporeidade integrada ao mundo. Indígenas acadêmicos vinculados à UNIPAMPA atuam como consultores, como voluntários e como bolsistas da proposta extensionista, o que contribui para qualificá-la e legitimá-la metodologicamente.

Apesar do tanto planejado e realizado, em atuação conjunta, segue a nossa preocupação com os indígenas acadêmicos e sua permanência/ausência na universidade; segue a escrita colaborativa, seguem as partilhas nas reflexões e ações. Seguem, contudo, partindo de um outro lugar, sempre ampliando a espiral que vibra no cruzamento das culturas.

Percebemos que poderíamos/deveríamos ampliar o espaço de atuação colaborativa. Ativando a escuta sensível a diferentes formas de produção de conhecimento, ampliamos a participação autoral de sábias e sábios de diferentes culturas indígenas, ao lado de acadêmicos e pesquisadores, na construção do programa de extensão *Jykre Kar*, que pode ser entendido, na

[5] https://www.youtube.com/playlist?list=PLxoWhnFiDRPOQdb9x_U3Hv2ongZV3xSpj

língua Kaingang, como vários pensamentos em diálogo; convite à aproximação entre culturas. A proposta prevê um trançado dialógico que não se apresenta acabado, mas que se constrói também no desenho que vai se manifestando de diferentes formas. Estratégias colaborativas para a organização de processos pedagógicos interculturais são mescladas com ações que remetem à aproximação entre culturas. As memórias e as narrativas de origem, colocadas em pauta, podem conduzir espaços educativos a um local onde vão se aninhar as diversas modulações do estar-junto, compreendendo a possibilidade do "mergulho simbólico" como uma experiência seminal, intensa, de reencontro com as origens ancestrais que, de certa forma, nos constituem. Objetivam promover o diálogo entre culturas no âmbito das aprendizagens interculturais, num contexto interdisciplinar, à luz do que propõe a Lei n. 11.645/2008[6].

Um horizonte simbólico, que integra um âmbito cosmológico, ou o mundo conhecido, habitável, é o fenômeno que constitui a cultura, conforme nos lembra Kusch (2009b). Entre o mundo que habitam os indígenas e o mundo que habitam os não indígenas, existem limites simbólicos, um espaço vazio que os participantes das ações de extensão buscam transcender ao desejar mais (com)vivência. Embora desestabilizados pela percepção de uma outra forma de estar no mundo, ainda assim, querem aproximação. O que os leva – e leva-nos – a buscar ultrapassar os limites simbólicos da nossa própria cultura?

A compreensão da limitação de que um único conjunto de conhecimentos, por mais sofisticado que possa parecer, não sustenta a busca por respostas complexas que nos conduzem como humanidade pode ser uma das respostas à questão em pauta. A constituição de relações entre conhecimentos outros – como tradução intercultural – vai dando estrutura à possibilidade de enriquecimento mútuo entre diferentes culturas, num movimento de descolonização de ações acadêmicas, local de nossa utopia.

Pisar suavemente - e com firmeza - sobre a terra: rumo a uma pedagogia da coexistência[7]

Propomos refletir, a partir da escrita colaborativa, sobre a potência do espaço educativo acadêmico na coexistência de múltiplas concepções de mundos, de múltiplas culturas. Caminhando em direção a nossa utopia, percebemos que o ingresso de indígenas na universidade pode movimentar estruturas que foram ficando endurecidas pela racionalidade.

Apoiados e inspirados por um coletivo de pesquisadores indígenas e não indígenas, fomos nos movimentando, num processo que envolve interaprendizagens, inspiradas pela narrativa de criação do povo Kaingang. Para o pesquisador indígena, a novidade de trazer sua vivência, sua maneira outra de estar no mundo para o ambiente acadêmico; para a pesquisadora

[6] LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
[7] Baseado no título da fala de Ailton Krenak (2022), ativista indígena dos direitos humanos.

não indígena, a surpresa e o encantamento de perceber que na maneira outra de estar no mundo pode estar a pedagogia da coexistência, considerando a complementaridade e a reciprocidade como elementos fundantes do respeito à diversidade.

Colocamos em pauta as limitações da crença da existência de um saber pretendidamente universal, que pode anular a produção de conhecimentos conduzida pela colaboração intercultural, tão necessária à academia e à vida.

Acreditamos que a busca por ultrapassar os limites simbólicos das nossas próprias culturas não seja algo simples de executar, mesmo assim, continuamos a caminhada. Um dos aspectos que nos move fortemente é a (co)existência, com toda complexidade que ela representa. Estamos juntos, pisando no mesmo chão. Compreendemos que cosmovisões não são excludentes, compreendemos que cosmovisões são capazes de dialogar. Separar para juntar; reconhecer as diferenças e entendê-las como complementares nos permite perceber que há algo profundo e sagrado no coexistir.

Nossas ações, alicerçadas nas reflexões, vão consolidando o nosso caminho. No trançado do *Vãfy*, a trama estica e entrelaça tensionamentos, criando desenhos de diversas cores e formas. A peça de arte e a trama chamam à diversidade e à aproximação com a mãe terra. A relação de simetria entre humanos e não humanos, o reconhecimento do sagrado no microcosmo e no macrocosmo são perspectivas educativas para não indígenas. Krenak (2022) nos diz que é preciso pisar suavemente sobre a terra. Acrescentamos que é preciso, ainda, pisar com firmeza para existir e coexistir. Grandes desafios são anunciados para indígenas e não indígenas, um dos maiores é a preservação da vida no planeta. Sabemos que as áreas ocupadas por indígenas são as mais preservadas e, neste detalhe que reflete profunda sabedoria, está um dos tensionamentos da trama. Ao mesmo tempo que resistimos em manter uma pisada dura e desrespeitosa sobre a terra, sabemos que precisamos nos movimentar sobre ela com suavidade, mas com firmeza, guiados pela sabedoria - belas palavras e belos pensamentos - dos povos indígenas. É um ir-e-vir de aprendizagens que vão nos constituindo e justificando, assim, a importância da metodologia *Vãfy* para a existência não indígena. Reconhecemos que é um movimento pedagógico, educativo, que nos aproxima do chamado da terra, que é, em essência, o berço da diversidade. Entendemos que é preciso compreender a complexidade nos opostos que se complementam, que a forma de resolver conflitos, que a forma de gerenciar as existências opõe unidade à diversidade. Acreditamos que é possível - e necessário - haver um diálogo entre as cosmovisões. Afinal, estamos todos debaixo de um mesmo céu que somente alguns têm se preocupado em sustentar.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Dorvalino Refej. **Kanhgág JykreKar - filosofia e educação kanhgág e a oralidade: uma abertura de caminhos.** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 28 jul. 2017

CASTIÑERA, Sebástian Daniel. **Don y reciprocidad: de Bartolomeu Meliá a la filosofia contemporánea.** Buenos Aires: SB, 2017.

DORNELES, Malvina do Amaral; ARENHALDT, Rafael. **Disposições ético-estético-afetivas na pesquisa em educação.** *In*: DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; FEITOSA, Débora Alves (org.). O Sensível e a sensibilidade na Pesquisa em Educação. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2016.

FERREIRA, Bruno. **O papel da escola nas comunidades Kaingang**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/219241/001123153.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 out. 2021.

KRENAK, Ailton. **Pisar suavemente sobre a terra: rumo a uma pedagogia da coexistência.** YouTube. Set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJTzYfizvN8>. Acesso em: 30 jun. 2024.

KUSCH, Rodolfo. **América profunda.** In: KUSCH, Rodolfo. Obras Completas. Tomo II. Rosario: Fundación Ross, 2009a.

KUSCH, Rodolfo. **Geocultura del hombre americano.** In: KUSCH, Rodolfo. Obras Completas. Tomo III Rosario: Fundación Ross, 2009b.

MATO, Daniel. **No hay saber "universal", la colaboración intercultural es imprescindible.** Alteridades, México, 2008, v. 18, n. 35, p. 101-116. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-70172008000100008>. Acesso em: 12 out. 2021.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; MOURA, Onorio Isaías de; WERNZ, Maria Cristina Graeff. **Encontros interculturais entre um indígena Kaingang e não indígenas: enlaces em um pensar perspectivista e sincrônico.** Tellus, Campo Grande, MS, ano 20, n. 41, p. 129-146, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/665/739>. Acesso em: 10 out. 2021.

MOURA, Onorio Isaías de. **Mitologia Kaingang : a oposição e a complementaridade como um processo de educação intercultural e humanização.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/3140/1/Onorio%20Isaias%20de%20Moura.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

PODESTÁ, Rossana. **Explorando el interaprendizaje en realidades escolares de países interculturales.** In: Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva, v. 3, n. 2, p. 201-217, 2009. Disponível em: <https://www.rinace.net/rlei/numeros/vol3-num2/art12.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

WERNZ, Maria Cristina Graeff. C**ruzamento de mundos em espaços educativos: a cosmologia kanhgág e o "estar-sendo" na convivência intercultural**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/3141/1/Maria%20Cristina%20Graeff%20Wernz.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

Recebido em: 30/06//2024 * Aprovado em: 12/07/2024 * Publicado em: 31/08/2024
